

# O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE DIZERES E FAZERES

Maria Auxiliadora Rodrigues<sup>1</sup>  
Grasiela Maria de Sousa Coelho<sup>2</sup>

## RESUMO

Relataremos neste artigo parte da experiência vivenciada durante o desenvolvimento da pesquisa “Formação Contínua e Atividade de Ensinar: produzindo sentidos sobre o brincar na educação infantil”, parceria estabelecida entre graduanda e pesquisadora, no âmbito do Grupo de Pesquisa FORMAR<sup>3</sup> da Universidade Federal do Piauí. A produção dos dados foi viabilizada por meio do encontro colaborativo, das sessões reflexivas e das observações colaborativas. Os sentidos das partícipes em articulação com a formação vivenciada por elas apresentam relação diversa com as categorias traçadas para desenvolver este estudo, ou seja, por um lado indicam a necessidade de expansão no que concerne aos sentidos atribuídos ao brincar como instrumento de desenvolvimento da criança, por outro lado, apontaram situações em que foi evidenciada aproximação com os pré-requisitos do ensino e do brincar enquanto atividade social. Ficou evidenciada a reciprocidade de ação, troca de experiências, interações sociais e de aprendizagens. No entanto, emergiu a necessidade de expansão no que concerne a novos conhecimentos que promovam a reflexão acerca do brincar, bem como sobre a identidade do professor, já que esta identidade se reconstrói, continuamente, com o contributo das interações que vão se estabelecendo entre o universo profissional e os diferentes universos sócio-culturais.

**Palavras-chave:** Brincar. Educação Infantil. Atividade.

## 1 Introdução

O que conta em um caminho,  
[...] É sempre o meio  
E não o início nem o fim [...]

(Deleuze e Parnet)

Na realização desta pesquisa contamos com a participação de três professoras que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Teresina, uma graduanda em Pedagogia e uma mestranda em educação, ambas pela Universidade Federal do Piauí, tendo como opção teórico-metodológica o Materialismo Histórico-Dialético, fundamentado em Marx (1983; 2001); a abordagem Sócio-Histórico-Cultural, pautada em Vigotski (2007); a Teoria da Atividade na

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Ahuxy\_10@hotmail.com

<sup>2</sup> Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Piauí e Professora da Rede Municipal de Ensino de Teresina. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. grasi2909@gmail.com

<sup>3</sup> O trabalho do FORMAR visa ao atendimento das necessidades de formação e pesquisa, contribuindo para transformar os contextos de ação docente. Com o objetivo de proporcionar condições para que haja articulação entre pesquisa, formação e desenvolvimento profissional docente, as atividades desenvolvidas envolvem pesquisa, ensino e extensão, fundamentando-se nos princípios do Materialismo Histórico-Dialético, na Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (Tashc) e nos princípios teóricos e metodológicos da Pesquisa Crítica de Colaboração (Pccol).

perspectiva de Leontiev (1998) e Engeström (2002), e pautadas em Magalhães (2007) e Ibiapina (2007) utilizamos a Pesquisa Crítica de Colaboração. Consideramos que a continuidade da formação é essencial para a expansão dos sentidos surgidos no decorrer da atuação da professora da Educação Infantil, de maneira que a visão acerca do processo do brincar vai se constituindo durante o exercício de ensinar e mediante o contexto da formação.

O processo de interação verbal instaurado entre as partícipes durante os eventos promovidos em função da execução dos procedimentos desta pesquisa possibilitou conhecer o encaminhamento dado ao brincar durante a atividade de ensinar, considerando o movimento de suas contradições. Destarte, a imersão no emaranhado de relações que permeiam este trabalho promoveu, por meio do encontro colaborativo, das sessões reflexivas e observações colaborativas, discussões geradas em torno das temáticas arroladas neste estudo de maneira que a reflexão evocou informações, descrições, confrontos e reconstruções, investigando de que maneira as relações, se de alguma maneira, forjaram a atividade desejada, superando as contradições presentes no processo. Neste artigo relatamos o fazer e o dizer das partícipes, tomando por base o procedimento observação colaborativa. Para preservar o anonimato das partícipes utilizamos codinomes que fazem referência a brinquedos e brincadeiras.

## **2 O fazer das partícipes-professoras e o dizer da partícipe-graduanda e da partícipe-pesquisadora**

Não há fim para as coisas  
que podem ser conhecidas e sabidas.

Rubem Alves

Este tópico visa explicar acerca das aulas das partícipes-professoras e sobre o relato da partícipe-graduanda e da partícipe-pesquisadora ao se envolver na realização desta pesquisa e, para tanto, consideramos a relação entre o social e pessoal na conjuntura de múltiplas e contínuas influências incitadas no grupo constituído com vistas à efetivação deste trabalho, compreendendo que, na sala de aula, a professora e as crianças estão imersas na multiplicidade de possibilidades interativas permeadas pelas suas respectivas histórias de vida que se interconectam, sofrendo e causando impacto umas nas outras. A seguir descreveremos as aulas de Pipa, de Boneca e de Bola, bem como o relato de Bambolê e de Amarelinha.

## 2.1 A aula da professora Pipa

A observação da aula da professora Pipa foi a primeira a ser realizada e aconteceu no dia 12/07/2011, no turno da tarde, no Maternal (três anos), numa turma com dezessete crianças. O Cmei<sup>4</sup> possui estrutura física com espaços destinados à diretoria/coordenação, cantina, secretaria, banheiros (inclusive adequados à faixa etária das crianças). O espaço físico da sala de aula, porém, atenderia melhor às demandas das crianças se fosse maior. A instituição tem espaço amplo e arborizado para o atendimento das necessidades da criança. O plano de aula da professora, entregue a nós no início da observação, tinha como tema “Os seres vivos: relações e diferenças” e nele estava previsto para a acolhida a exploração de cartazes (lista de nomes ou fichas, alfabeto, numerais, calendário), conversa sobre a aula anterior (que não houve) seguida da “Rodinha de conversa”, contação de história, momento frente a frente com o espelho, tarefa de classe, rodinha para socialização do trabalho e encerramento com músicas e brinquedos. O plano não apresentava os objetivos explicitados.

Após a acolhida no pátio, as crianças entraram na sala e guardaram as mochilas. Pipa conversou com as crianças sobre a data, fazendo a comparação com a data de aniversário de uma criança que já havia passado e lembrou que as férias estavam chegando, depois cantaram, contaram quantas meninas e meninos estavam presentes, totalizando depois quantas crianças ao todo estavam presentes. Pipa perguntou, então, quem queria ir ao banheiro e somente três crianças não quiseram ir. A professora-auxiliar acompanhou as crianças ao banheiro. Em seguida, Pipa chamou a atenção para o alfabeto afixado no quadro por meio de uma música e, posteriormente, afixou no quadro um cartaz com o nome “salão de beleza” e convidou as crianças a visitarem-no, ao tempo em que segurava uma caixa nas mãos perguntando às crianças o que achavam que tinha dentro. Depois a caixa passou de mão em mão e Pipa perguntava se estava leve ou pesada. Disse que queria ir a uma festa e perguntou o que usar, informando que o objeto ao qual ela se referia estava dentro da caixa.

Após alguns palpites das crianças, a professora tirou da caixa uma peruca de filó e colocou na cabeça. As crianças sorriram, tentaram pegar na peruca e a professora permitiu que sentissem a textura da peruca. Pipa pegou o livro “O que é que tem meu cabelo?” e começou a explorar a indagar sobre a capa: as ilustrações, as cores, autor, etc, passando em seguida o livro para que as crianças colocassem o rosto na parte vazada deste para usarem a peruca de “estrela” e contou a história do livro que falava da cabeleira de um leão e a cada página ele tinha uma

---

<sup>4</sup> Centro Municipal de Educação Infantil.

peruca diferente. A professora fez questionamentos sobre as características físicas das pessoas e dos animais. Depois, com a ajuda da professora-auxiliar, Pipa tirou a peruca da sua cabeça e colocou em cada uma das crianças para que elas se olhassem no espelho, instigando o faz de conta e questionou às crianças se eram iguais ou diferentes do leão da história. Vale ressaltar que durante toda essa atividade, bem como em toda a aula, a professora manteve uma postura que invocou a ludicidade.

À medida que as crianças iam terminando de se olhar no espelho, Pipa ia solicitando que elas fossem pegando brinquedos (de montar, quebra-cabeça e outros) e levando para as suas mesas. As mesas individuais eram coloridas, de plástico e de encaixe, permitindo que a professora agrupasse a quantidade de crianças que desejasse a cada atividade e na organização desta atividade, as mesmas foram agrupadas em dois grupos de seis e um de cinco crianças. Depois de todas as crianças terminarem de se olhar no espelho e serem questionadas sobre sua aparência, a professora observou o modo como elas brincavam em cada grupo. Depois das crianças brincarem durante certo tempo, a professora pediu que começassem a organizar os brinquedos, orientando para que não misturassem as peças dos vários brinquedos entre si e que não se esquecessem de guardar nenhuma peça. As crianças pegaram cestinhas e começaram a guardar os brinquedos.

Após organizarem e guardarem os brinquedos, as crianças foram, em fila, lavar as mãos para lancharem. Depois do lanche elas brincaram livremente por certo tempo para depois se agruparem novamente na sala, pegando brinquedos aleatoriamente. Após o lanche a professora-auxiliar foi para outra sala. Pipa pediu atenção e começou a explicar a tarefa. No início teve dificuldade em conseguir a atenção das crianças, mas aos poucos elas foram se acalmando e, então, Pipa entregou uma folha sulfite com um círculo vazado no centro da mesma para cada criança e pediu que cada uma pintasse com tinta guache uma peruca para si própria. Enquanto a tinta das perucas secava, as crianças fizeram uma roda de dança com a professora. Após a pintura secar, a professora fez uma roda e, novamente instigou o faz de conta, solicitando que cada criança colocasse a sua peruca e imitasse o leão. Assim, a imaginação fluiu na performance das crianças, ao que a professora ia tecendo elogios ao grupo. Ao final da aula, cada criança levou sua “peruca” para casa.

## **2.2 A aula da professora Boneca**

A observação da aula da professora Boneca foi a segunda a ser realizada e aconteceu no dia 13/07/2011, no turno da manhã, no 1º Período (quatro anos), numa turma com quinze

crianças. O Cmei funciona em um local com estrutura de residência, inadequada às demandas da criança. Constatamos que as queixas da professora Bola quanto ao espaço físico do Cmei eram totalmente procedentes, pois as condições do ambiente dificultam extremamente a sua prática e, principalmente, fere o direito básico das crianças no que concerne a espaços adequados às suas necessidades.

O plano de aula da professora, entregue à pesquisadora no início da observação, não explicitava o tema da aula e nem os objetivos. Faremos a seguir a descrição *ipsis literis* do que propunha o plano de aula de Boneca: apontava o que seria feito na acolhida, as atividades de rotina, os conteúdos (revisão das formas geométricas: círculo, quadrado, triângulo e retângulo) as atividades de aprendizagem (reapresentação das formas geométricas em cartaz, estudo contextualizado dos nomes das formas geométricas – 1ª letra, última letra, vogais, quantas consoantes, letras repetidas, total de letras, número de sílabas, preencher interior das formas geométricas utilizando E.V.A picado), roda de história, seguida de mais atividades de aprendizagem (realização da ginástica, alongamento e brincadeira das formas geométricas) e revisão, ao final da aula.

À medida que as crianças foram chegando, entregando a tarefa de casa e sentando, a professora foi lhes entregando livros para folhearem. A acolhida estava prevista para acontecer no pátio, com entoação do hino e os avisos, mas não houve porque no espaço reservado a isso aconteceu uma reunião com os pais e a direção. As atividades de rotina consistiram em cantos de músicas (bom dia, oração) e apresentação de cartazes (tempo, calendário, quantos e quem somos, numerais, vogais, alfabeto). Por si mesmas, as crianças se agruparam por sexo, em duas mesas, numa sala de diminuto espaço. No início da aula, Boneca cantou várias músicas, rezou, conversou sobre o tempo, sobre os dias da semana e, juntamente com as crianças, fez a contagem de quantas estavam presentes naquele dia. Nesse espaço de tempo, Boneca chamou a atenção de algumas crianças e disse que se conversassem seriam trocadas de lugar ou ficariam sem recreio.

Após esse momento inicial, Boneca organizou as crianças em fila para irem tomar água e, logo em seguida, retornaram para a sala. Boneca, então, colou as formas geométricas no quadro e escreveu o nome de cada uma, depois pediu que dissessem mais palavras com a letra inicial de cada figura geométrica, que contassem quantas letras e quantas sílabas tinha cada palavra, batendo palmas para cada uma delas. Em seguida, Boneca dividiu a turma em grupos e entregou papel madeira com figuras geométricas desenhadas. No início houve dificuldade porque cada uma queria que o papel fosse só seu, mas depois conseguiram realizar o trabalho. Em seguida saíram para o pátio (a sala da residência) e afixaram na parede os trabalhos para que ficassem expostos.

Ao voltarem para a sala de aula, Boneca entregou blocos lógicos e dominó para as crianças brincarem livremente (essa atividade não estava prevista no planejamento). As crianças pediram a bola e foram para o pátio, onde algumas brincaram livremente, outras ficaram sentadas em grupo, outras sozinhas. Pouco tempo depois voltaram para a sala de aula e cantaram. A seguir, Boneca começou a contar história utilizando um livro, mostrou a capa, as ilustrações e as crianças se envolveram e mantiveram-se atentas. Ao término da história cantaram duas músicas e depois saíram em fila para lavar as mãos, voltar para a sala e lanchar.

Durante o lanche, uma criança pegou um tubo de cola e fingiu ser pimenta, simulando colocar na comida. Podemos dizer que ela estava conferindo um novo significado para o objeto tubo de cola, no sentido de imitar uma ação que ela deve ter visto um adulto realizar. Essa brincadeira envolveu dois aspectos, de acordo com Vigotski (2007): em primeiro lugar, é possível afirmar que, para essa criança, o tubo de cola serviu como “pivô” da dissociação entre a pimenta real e o significado pimenta, predominando o último. Isso marca nova fase do seu desenvolvimento, na qual a criança consegue separar os campos do significado e da percepção. É o momento em que elas começam a conseguir simbolizar, agir de várias maneiras diferentes com relação a um mesmo objeto que se apresenta a ela e, assim, passar a experimentar o mundo a partir das situações imaginárias contidas nas brincadeiras. Após o lanche ficaram um tempo na sala e depois foram para o pátio.

No pátio, a professora organizou as crianças num círculo e cantou uma música que estimulava uma ginástica, alongamento. Em seguida, pediu que se encostassem à parede e se sentassem, desenhou as formas geométricas no chão e propôs uma brincadeira que consistia em, ao sinal da professora, sair do local em que estava e posicionar-se na parte interna da forma geométrica indicada. Logo após, voltaram para a sala de aula e Boneca entregou às crianças a tarefa de casa, passou a explicá-la e avisou que não haveria aula no outro dia porque não tinha professora para substituí-la e seria dia do seu horário pedagógico. Cantaram uma música de despedida e Boneca ligou o som, enquanto as crianças aguardavam os pais.

### **2.3 A aula da professora Bola**

A observação da aula da professora Bola foi a última a ser realizada e aconteceu no dia 13/09/2011, no turno da tarde, no 2º Período (cinco anos), numa turma com dezesseis crianças. A estrutura do Cmei é adequada e a sala de aula bastante ampla. O plano de aula da professora, entregue a esta pesquisadora no início da observação, não explicitava o tema da aula. Faremos a seguir a descrição *ipsis literis* do que propunha o plano de aula de Bola: apontava o

conteúdo (pátria), os objetivos (identificar os símbolos da pátria e desenvolver a leitura e a escrita), o desenvolvimento da aula (leitura compartilhada de quadrinha, estudo contextualizado da palavra pátria, uso do alfabeto móvel para formar a palavra em estudo, recorte e colagem de palavras iniciadas com a letra P) e os recursos (papel madeira, lápis, pincel, quando de decomposição, alfabeto móvel).

As crianças foram chegando, sentando e conversando livremente entre si. Parte delas sentou-se em filas e outras sentadas em grupos às mesas. Para iniciar a aula a professora distribuiu as cadeiras em semicírculo na frente do quadro e as crianças sentaram-se. Bola iniciou a atividade resgatando o que havia sido discutido na aula anterior (pátria), perguntou o nome da presidente, ao que as crianças responderam, perguntou sobre os dias da semana e chamou uma criança para contar quantas estavam presentes, depois fez a chamada nominalmente e, a seguir, perguntou sobre o tempo, ao que ela mesma respondeu. Logo após, Bola começou a cantar uma música com gestos. As crianças não cantaram, mas executaram todos os gestos concentradamente.

Em seguida, Bola agrupou as crianças em dupla, entregou-lhes revistas e explicou-lhes a tarefa de recorte e colagem que deveriam executar (recortar letras e formar o nome Brasil), desfazendo o semicírculo, e parte das crianças ficou em dupla e outras em grupos maiores. Bola teve que desligar os ventiladores por conta dos recortes, o calor aumentou. Ela começou a sentar de mesa em mesa e, por meio de questionamentos, acompanhou a execução das tarefas. Ao fim dessa tarefa, a professora começou outra tarefa: entregou uma tarjeta com o nome “pátria” e um envelope com o alfabeto móvel para que as crianças formassem o referido nome. As crianças que foram terminando a tarefa iam auxiliando as outras.

Após todas findarem essa tarefa, guardaram as tarjetas e o alfabeto móvel, entregaram tudo à professora, formaram a fila e foram para o recreio no pátio, junto com as demais turmas, onde ouviram música, assistiram um DVD musical, enquanto outras brincavam livremente para, em seguida, retornarem à sala de aula para lanchar. Depois do lanche, Bola pegou uma caixa de livros na estante e pediu que as crianças fossem até a caixa, uma a uma, escolher um livro para ler.

A seguir, a professora entregou outra tarefa para ser feita, explicando que primeiro era preciso colocar o nome e que a tarefa estava relacionada à independência do Brasil, que elas deviam recortar sete espadas e colar no local indicado. Ao terminarem essa tarefa ficaram conversando entre si e, depois, Bola explicou a tarefa de casa, que consistia em ler uma quadrinha, reconhecer a letra inicial e final de algumas palavras da quadrinha, identificando também a quantidade de sílabas. E assim a aula foi finalizada e, aos poucos, os pais foram

chegando para buscar as crianças. Observamos que na sala de aula as atividades foram estritamente didáticas, com o objetivo de se chegar a um conteúdo pedagógico e quando, por parte das crianças, surgiram brincadeiras de faz-de-conta, a professora procurou voltar a atenção para a tarefa que estava sendo realizada no momento.

## **2.4 O relato de Bambolê**

A partícipe Bambolê é graduanda em Pedagogia pela UFPI e, no final de abril de 2010, estagiava numa escola da Semec e não se sentia preparada para continuar, pois tinha muitas dificuldades para lidar com as nove turmas de horário pedagógico (HP) de Geografia em que trabalhava. Para ela, segundo seu próprio relato, foi muito difícil tomar a decisão de sair, já que a vontade era continuar, porém acreditava que, daquela forma, prejudicaria os alunos. Àquela época estava no quarto período, depois, já no sexto período, analisou que o fato de ainda não ter cursado algumas disciplinas essenciais, como Aspectos Psicossociais da Aprendizagem, Avaliação da Aprendizagem, Alfabetização e Letramento, entre outras, foi um dos provocadores de tantas dificuldades.

Após deixar a sala de aula, pensou em que caminho seguir e, então, logo que começou a seleção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), procurou alguns professores e foi selecionada pela professora Ivana Ibiapina. Já em junho, começou a participar do Núcleo Formar e a orientadora explicou a nova dinâmica de trabalho do grupo, que cada aluno da Iniciação Científica ia trabalhar com um dos mestrados. Como até então só eram duas alunas e quatro mestrados, foi feito um sorteio e Bambolê foi sorteada para trabalharmos juntas. A partir de então, Bambolê começou a participar dos estudos, das apresentações das pesquisas, estudar algumas teorias de base no grupo e o material referente aos temas do projeto dela, que tem relação muito próxima com os temas desta pesquisa, mas com bem menos teorias e em menor profundidade, pois é uma pesquisa do Pibic e, portanto, não tem a complexidade de uma pesquisa de mestrado.

A princípio, de acordo com os objetivos do projeto de Bambolê, ela teria que acompanhar duas sessões reflexivas desta pesquisa, que seriam também instrumentos de produção de dados de seu trabalho, mas fizemos o convite para que fosse partícipe da pesquisa na totalidade e ela se mostrou muito surpresa, porque, segundo a mesma, por um lado seria um desafio, mas por outro seria uma experiência muito interessante e importante para sua formação, pois, segundo a mesma, os assuntos discutidos nas sessões geraram possibilidades de reflexão e colaboração



sobre os temas inerentes à pesquisa e que estão relacionados com o cotidiano, mas, às vezes, não são percebidos, tampouco questionados e, por isso, são dificultadas as transformações.

No seu discurso, a partícipe acrescentou que esses momentos foram importantes tanto para a sua vida pessoal, pela vivência de situações significativas, como para a sua formação acadêmica, haja vista que as sessões possibilitaram a produção de novos conhecimentos, tanto em relação às teorias quanto aos temas trabalhados e também à maneira de desenvolver pesquisa. Ressaltamos que o relatório parcial que Bambolê apresentou ao Grupo FORMAR, antes de ser iniciada a análise dos dados desta pesquisa, foi motivador, pois vislumbramos antecipadamente as possibilidades geradas pela empiria resultante dos procedimentos realizados durante este estudo.

## **2.5 O relato de Amarelinha**

Amarelinha ingressou no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI em 2010, como aluna da 18ª turma. O primeiro ano foi destinado a cursar os créditos exigidos pelo Programa, bem como iniciar os estudos no FORMAR. No primeiro semestre cursou as disciplinas Filosofia da Educação, Planejamento da Pesquisa, Pesquisa Colaborativa e Formação de Professores. No segundo semestre cursou a disciplina História da Educação e participou do Seminário sobre Conceitos-chave da Abordagem Sócio-histórica.

Encaminhou a solicitação para a autorização da execução desta pesquisa à Semec, instituição à qual as partícipes-professoras estão ligadas, em setembro de 2010, e em outubro do mesmo ano recebeu a autorização para realizá-la. Em função de duas professoras convidadas terem desistido de participar deste estudo, o documento institucional ao qual nos referimos informa quantidade superior de Cmeis, em relação à quantidade de partícipes-professoras e, além disso, em decorrência do avanço nos estudos o título foi modificado.

No dia 05/10/2010 encaminhou ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI o projeto de pesquisa, e no dia 23/11/2010 recebeu o parecer informando sobre pendências que deveriam ser sanadas no prazo de sessenta dias, a partir da data de emissão do referido parecer. Foram apontadas pelo Comitê quatro pendências: apresentar de maneira mais clara os critérios utilizados para a definição da amostra a ser investigada; clarificar critérios estabelecidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; acrescentar o formulário contendo o roteiro dos instrumentais destinados à produção dos dados, bem como os critérios utilizados para a análise dos dados.

Amarelinha realizou todas as alterações e encaminhou o projeto de volta ao Comitê no dia 17/12/2010. A carta de aprovação foi emitida no dia 21/12/2010 e apresentava igualmente o título inicial, estabelecendo o prazo de janeiro de 2012 para a entrega do relatório final, prazo que foi estendido, tendo em vista o nosso pedido de prorrogação para a conclusão do mestrado.

No mês de abril de 2011 solicitou a autorização das diretoras dos Cmeis para que desenvolvesse a pesquisa, apresentando às mesmas o documento da autorização institucional emitido pela Semec. A receptividade das diretoras foi positiva, porém, ressaltaram a dificuldade relacionada ao tempo disponível das professoras, considerando a rotina assoberbada de tarefas a serem desempenhadas.

Amarelinha definiu o critério para a escolha das partícipes-professoras a partir da relação estabelecida com elas enquanto formadora, intencionando compreender o desenvolvimento da criança e considerando os conflitos inerentes à Atividade de Ensinar.

### 3 Conclusão

O que vale na vida  
não é o ponto de partida  
e sim a caminhada.

Cora Coralina

Considerando a conexão que se efetivou entre teoria/prática, implicando na tessitura dos sentidos e significados produzidos pelas partícipes no âmbito deste estudo e com base nas relações estabelecidas entre o geral, o particular e o singular, é necessário evidenciar o que aproxima e o que diferencia uma partícipe da outra neste contexto. De acordo com Burlatski (1987), o geral determina o movimento e a existência tanto do particular quanto do singular.

No que concerne ao geral, a característica que aproxima as partícipes é a formação inicial, visto que todas possuem cursos na área da educação. Pipa, Boneca e Amarelinha possuem graduação em Pedagogia. Bambolê ainda cursa Pedagogia. Bola possui Normal Superior. Quanto às particularidades, Pipa é especialista em Docência Superior, Amarelinha é mestranda e as demais partícipes não possuem especialização.

No que tange às singularidades, cada partícipe evidenciou especificidades no cotidiano quanto ao modo de ser e de agir. Diante das constatações, evidenciadas no encontro colaborativo, nas sessões reflexivas e nas observações colaborativas, vimos de modo deliberado, durante a realização desta pesquisa, emergir o dizer e o fazer das partícipes, no caso de Bambolê e

Amarelinha somente o dizer, de modo que podemos relacioná-los às perspectivas elencadas como fundamento para a efetivação desta análise e que evidenciam a formação, o ensino e o brincar que prevalece na prática de cada uma das partícipes.

Das cinco partícipes envolvidas, Bola afastou o brincar da sua prática, mas pelos enunciados emitidos, quando o utiliza é como transmissão de conteúdos e treinamento de habilidades.

Boneca utilizou o brincar como ferramenta para a aquisição da escrita e como treinamento de habilidades. De modo geral, percebemos que o brincar foi utilizado pela professora como veículo para assimilação mais eficaz de conteúdos, servindo como atrativo e viabilizando, assim, a aprendizagem.

Pipa aproximou-se do objetivo geral da Educação Infantil, qual seja promover por meio da atividade de ensino o desenvolvimento da criança pela via do brincar para a mudança de conceitos e constituindo atividade principal da criança. De modo geral, a análise que fazemos da prática de Pipa é que ela considera relevante o brincar como instrumento de socialização, expressão e desenvolvimento das crianças. Ressaltamos que toda a ação da professora foi pautada na ludicidade, o que confirma a aceitação desse elemento como condição fundamental da natureza da criança e indica o motivo da sua atuação em consonância com o objetivo adequado da atuação da professora da Educação Infantil que é promover, por meio do brincar, condições de desenvolvimento da criança.

Quanto a Bamboê, não temos como caracterizar sua forma de agir em sala de aula, visto que ela ainda não atua, entretanto, sinalizou para um agir futuro pautado no ensino como atividade, no brincar voltado para a mudança de conceitos e como atividade principal da criança. De modo geral, o dizer de Bamboê remete ao brincar que impulsiona a socialização e o desenvolvimento da criança.

Amarelinha, como par mais experiente na condução do processo de mediação e colaboração durante a efetivação dos procedimentos da pesquisa, desempenhou a dupla função de formar/pesquisar, e oportunizou situações que propiciaram o salto qualitativo de um a outro nível de desenvolvimento expandido, provocando salto qualitativo neste contexto de atuação.

Tendo em vista os resultados apresentados, compreendemos que considerar as ideias, histórias e desejos da criança, trazendo-os para o mundo real, constituem o princípio gerador para a criação de distintas formas de manifestação expressiva, produzindo a história daqueles envolvidos na atividade. Não obstante a revelação de perspectivas que expressam de maneira insuficiente o que é necessário ao desenvolvimento, tanto da criança quanto da professora, considerando os preceitos do Materialismo Histórico-Dialético, da abordagem Sócio-Histórico-

Cultural e da Teoria da Atividade, entendemos que este estudo impactou a todas as partícipes, à medida que gerou possibilidades de emergirem conflitos e contradições durante todo o processo, no entanto, provocou níveis diferentes de desenvolvimento, emergindo o devir de o constante vir a ser.

## REFERÊNCIAS

BURLATSKI, Fiodor. **Fundamentos da filosofia marxista-leninista**. Trad: K. Asryants. Moscou: Edições Progresso, 1987.

ENGESTRÖM, Yrjö. **Aprendizagem por expansão na prática: em busca de uma reconceituação a partir da Teoria da Atividade**. Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas, ano 11, n.19: 31-64, jul./dez. 2002.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo (Org.). **Formação de Professores: Texto & Contexto**. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

LEONTIEV, Alexis Nicolaievitch. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, Lev S et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1998.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Sessão reflexiva como espaço de negociação entre professores e pesquisador externo. IN: FIDALGO, Sueli Salles; SHIMOURA, Alzira da Silva. **Pesquisa crítica de colaboração: um percurso na formação docente**. São Paulo: Ductor, 2007.

MARX, Karl. **O capital**. V. I, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luiz Cláudio de Castro e Costa. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.